



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS ESTRANGEIRAS

**Os sentidos da colonização no conto “The Home-Coming”, de Milly
Jafta**

Trabalho de Conclusão de Curso

BRIDA NICOLE SOUZA SANTOS



São Cristóvão - Sergipe
2023

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS ESTRANGEIRAS

Brida Nicole Souza Santos

**Os sentidos da colonização no conto “The Home-Coming”, de Milly
Jafta**

Trabalho de Conclusão de Curso submetido ao
Departamento de Letras Estrangeiras da
Universidade Federal de Sergipe.

Orientador: Luiz Eduardo Meneses de Oliveira



São Cristóvão - Sergipe

2023

RESUMO

OS SENTIDOS DA COLONIZAÇÃO NO CONTO “THE HOME-COMING”, DE MILLY JAFTA

Este trabalho pretende identificar e analisar os elementos textuais que nos remetem aos sentidos da colonização no conto “The Home-Coming”, de Milly Jafta. Para tanto, faremos uso de alguns pressupostos teóricos dos estudos culturais e da teoria pós-colonial (Hall, 2005; Bhabha, 1998), bem como da historiografia literária, política e cultural da Namíbia e seus diálogos, rejeições e relações com o cânone da literatura de língua inglesa.

Palavras-chave: Estudos pós-coloniais, Literatura africana de língua inglesa, Milly Jafta, Namíbia.

ABSTRACT

THE MEANINGS OF COLONIZATION IN THE SHORT STORY “THE HOME-COMING”, BY MILLY JAFTA

This work aims to identify and analyze the textual elements that take us to the meanings of colonization in the short story “The Home-Coming”, by Milly Jafta. To do so, we will make use of some theoretical assumptions from cultural studies and postcolonial theory (Hall, 2005; Bhabha, 1998), as well as the literary, political and cultural historiography of Namibia and its dialogues, rejections and relationships with the canon of English-language literature.

Keywords: Post-colonial studies, English-language African literature, Milly Jafta, Namibia.

SUMÁRIO

1 . INTRODUÇÃO	5
2. TEORIA PÓS-COLONIAL E LITERATURA AFRICANA	6
3. HISTÓRIA POLÍTICA, CULTURAL E LITERÁRIA DA NAMÍBIA	9
4. ANÁLISE DO CONTO	11
5. CONCLUSÃO	14
6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	16

1 . INTRODUÇÃO

A colonização, em seu sentido mais básico, é o ato de colonizar, ou seja, estabelecer uma colônia. O colonialismo foi, desde os tempos mais primitivos, o processo de afirmação de território, havendo ou não guerras, mas, invariavelmente, o exercício de poder e hierarquia. Sabe-se que o seu predomínio foi europeu devido à busca incansável por recursos, principalmente nos continentes americano e africano. As razões, ao contrário do controle e da força, variam, no entanto, os fatores religiosos e econômicos são dominantes.

Na segunda metade do século XX, após a independência de vários países e a presença constante de tendências de descolonização, principalmente nas colônias africanas, surge o termo “pós-colonial”. O pós-colonialismo reflete sobre as consequências deixadas pelo colonialismo, manifestadas até hoje. Essas marcas persistem, estando gravadas em culturas, por exemplo, de diferentes povos. Assim, a literatura africana surge, principalmente, como meio de busca e afirmação da própria individualidade, reforçando de forma crítica a sua história de sobrevivência à dominação.

Esses frutos estão presentes no conto “The Homecoming” (O Regresso à Casa), de Milly Jafta, presente em “The Anchor Book of Modern African Stories” (O Livro Âncora de Histórias Africanas Modernas) (2002) e em “An Anthology of Contemporary African Women's Writing” (Uma Antologia da Escrita Contemporânea de Mulheres Africanas) (1999), de Nadezda Obradovic e Chinua Achebe, respectivamente. Na narrativa acompanhamos uma mulher retornando à sua aldeia. Junto com a filha, de quem ficou afastada por mais de 40 anos após trabalhar para uma dona de casa em um lugar distante, observamos os impactos coloniais que levaram a protagonista e, conseqüentemente, todos ao seu redor, a vivenciar um cenário de distanciamento de suas raízes.

O presente trabalho está dividido, além da “Introdução”, em “Teoria Pós-colonial e Literatura Africana”, “História Política, Cultural e Literária da Namíbia”, “Análise do Conto”, “Conclusão”, “Revisão Bibliográfica” e “Referências

Bibliográficas”, e tem como objetivo estudar a presença e os impactos da colonização, reunindo fatores históricos, políticos, culturais e literários, na história citada acima.

Diversos referenciais teóricos foram apontados, apesar da escassez de materiais relacionados ao tema proposto. A busca foi feita em ferramentas de pesquisa como o Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES e a Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD).

2. TEORIA PÓS-COLONIAL E LITERATURA AFRICANA

Como apontado anteriormente, o pós-colonialismo, além de ser um período histórico, refere-se a qualquer efeito posterior ao colonialismo, seja cultural, econômico ou político, por exemplo. Assim, após o domínio imposto pelos colonizadores, há uma busca pelas raízes do colonizado de forma artística e literária, por exemplo. Trata-se também de construir a sua própria narrativa, deixando de lado os valores eurocêntricos determinados.

Portanto, os povos anteriormente colonizados sentem a necessidade de criar uma identidade única para si. Citando Hall, o sujeito, antes vivenciado como possuidor de uma identidade unificada e estável, está se fragmentando; composto não por uma única, mas por diversas identidades, por vezes contraditórias ou não resolvidas (HALL, 2005, p. 12). Assim, apesar da grande busca pela identidade própria, o que resta das colônias não desapareceu completamente. Restam alguns fragmentos da identidade anteriormente imposta, algo que pode confundir e tornar-se um obstáculo neste processo de desconstrução e reconstrução. Nesse sentido, Hall (2005, p. 13) conclui que

Dentro de nós existem identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal forma que as nossas identificações estão continuamente a ser deslocadas. Se sentimos que temos uma identidade unificada desde o nascimento até a morte, é apenas porque construímos uma história confortável sobre nós mesmos ou uma "narrativa do eu" reconfortante (ver Hall, 1990). Uma identidade totalmente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. Em vez disso, à medida que os sistemas de significado e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e mutável de

identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos identificar-nos – pelo menos temporariamente.

A discussão torna-se ainda mais complexa quando se menciona Bhabha, que afirma que a questão da identificação é sempre a produção de uma imagem de identidade e a transformação do sujeito ao assumir essa imagem (BHABHA, 1998, p. 76). Seguindo essa linha de pensamento, observa-se que este não é um processo simples, pois, durante anos, algo foi induzido, sendo considerado adequado. Hábitos e costumes foram apresentados e seguidos sem contestação, por obrigação. Torna-se imprescindível, então, criar uma nova identidade e aceitar o indivíduo ao utilizá-la, porém, sem esquecer sua história anterior, pois faz parte de sua identidade. Além disso, Bhabha (1998, p. 79) deduz que

Os retratos pós-coloniais convergem no ponto de fuga de duas tradições familiares de discurso de identidade: a tradição filosófica da identidade como um processo de autorreflexão no espelho da natureza (humana) e a visão antropológica da diferença da identidade humana localizada na divisão da Natureza/Cultura. No texto pós-colonial, o problema da identidade regressa como um persistente questionamento do enquadramento, do espaço de representação, onde a imagem – pessoa desaparecida, olho invisível, estereótipo oriental – é confrontada pela sua diferença, pelo seu Outro.

Ainda em Hall, observa-se que a sociedade está constantemente sendo “descentrada” ou deslocada por forças externas a ela (HALL, 2005, p. 17). Portanto, a descolonização não é algo totalmente unificado, pois não existe uma identidade homogênea. O desejo, então, é procurar algo que reflita o povo, e não apenas um indivíduo, uma vez que se baseia no pressuposto de que o eurocentrismo procura um enquadramento para a sociedade, uma padronização. Sem esquecer, também, que as identidades estão em constante transformação.

Voltando a Bhabha, citando Frantz Fanon¹, há o reconhecimento da importância crucial, para os povos subordinados, da afirmação de suas tradições culturais e nativas e da recuperação de suas histórias reprimidas (BHABHA, 1998, p. 29). Desta forma, para além de diversas outras formas de expressão, surge a literatura africana, abrangendo diversas ex-colônias com histórias próprias –

¹ Crítico da dominação colonial e do racismo, publicou importantes obras sobre teorizações pós-coloniais, decoloniais e decoloniais.

diferentes culturas, diferentes línguas, diferentes povos –, como instrumento de força.

O precursor declarado da literatura africana pós-colonial é o escritor nigeriano Chinua Achebe. Nascido em 1930, na aldeia Igbo – também uma etnia – em Ogidi, viveu dividido entre o cristianismo dos seus pais e as suas raízes ancestrais. Desde criança demonstrou interesse por contar histórias e, por isso, se destacou como aluno. Mais tarde, estudou em uma instituição educacional inspirada no modelo de ensino britânico financiado pela administração colonial. Seu único idioma permitido era o inglês, que, apesar de discriminatório, permitia que Achebe tivesse certa proficiência.

Ler tornou-se um hábito na vida de Achebe. Ainda nos anos escolares, frequentou bastante a biblioteca, o que despertou uma consciência crítica acerca de como os nativos eram representados na literatura, como é o caso de “Heart of Darkness” (Coração de Escuridão) (1899), de Joseph Conrad. Mais tarde, recebeu uma bolsa para estudar medicina na primeira instituição de ensino superior da Nigéria, mas recusou e decidiu tornar-se escritor após conhecer “Mister Johnson” (Senhor Johnson) (1939), obra de Joyce Cary, que, novamente, retratava os nigerianos sob termos demasiado depreciativos.

Entre as obras de Achebe estão romances, contos e poesias, sempre apresentando as consequências deixadas pela colonização, mas, principalmente, a autenticidade da literatura africana. Em “Things Fall Apart” (As Coisas Desmoronam) (1958), um dos mais importantes livros publicados, Chinua Achebe trata do grupo étnico Igbo – mencionado anteriormente – e de suas crenças e tradições fragmentadas após a chegada dos europeus. Outro exemplo de suas obras é “Not Longer at Ease” (Não Mais à Vontade) (1960), obra em que o escritor retoma o grupo Igbo, mas desta vez conta a história de Obi Okonkwo, um homem que deixa sua aldeia para estudar na Grã-Bretanha, mas vive em conflito com o choque cultural que sofreu.

Outro grande contribuidor da literatura africana é Edward Said. Said nasceu em 1935, em Jerusalém – na época, parte da Palestina governada pelos britânicos –.

Depois de ingressar nas Forças Expedicionárias Americanas, recebeu a cidadania. Tal como Achebe, pode-se dizer que Said também vivia dividido, entre o Cairo e Jerusalém. Contudo, toda esta diversidade cultural proporcionou ao escritor uma melhor compreensão do colonialismo. Apesar de ter crescido e vivido grande parte de sua vida no Oriente, teve experiências significativas na educação britânica e americana. Mais tarde, dedicou grande parte das suas obras à reflexão sobre os conflitos entre o Ocidente e o Oriente, particularmente à Palestina e Israel. Mais uma vez, assim como Chinua Achebe, frequentou uma instituição de ensino onde a língua inglesa era obrigatória.

A sua obra mais importante foi “Orientalism” (Orientalismo) (1978), sendo o orientalismo a imagem retratada do Oriente feita pelo Ocidente. Seria, assim, uma crítica à forma como a colonização europeia representou, de diferentes formas, a imagem do Oriente como “inferior”. Desta forma, a Europa define-se como “superior”, “mais desenvolvida”. Esta imagem criada foi utilizada como justificativa para a colonização, pois era dever dos mais desenvolvidos “salvar” os menos desenvolvidos, e está presente em todos os tipos de arte, sendo a literatura e a pintura fortes exemplos.

Posteriormente, Edward Said publicou outras obras, todas com o mesmo teor crítico e ativista, como “The Question of Palestine” (A Questão da Palestina) (1979) em que analisa a continuidade quase permanente da questão palestina, enquanto diversas outras situações políticas no mundo são resolvidas e “Culture and Imperialism” (Cultura e Imperialismo) (1993) que trata da inegável relação entre as culturas e o imperialismo imposto junto com a colonização.

3. HISTÓRIA POLÍTICA, CULTURAL E LITERÁRIA DA NAMÍBIA

A Namíbia está localizada no sul do continente africano. O país é pouco povoado e a sua economia baseia-se no setor primário. Possui grande diversidade de etnias e dialetos linguísticos, sendo 13 etnias diferentes, falando cerca de 16 dialetos locais. Os primeiros a habitar o país foram tribos nômades. A partir do século XV, iniciou-se o processo de exploração, por parte de portugueses, ingleses e

alemães. Há destaque para a Alemanha, pois foi a nação europeia que de fato dominou o território da Namíbia durante a colonização imposta, realizando diversos atos de violência contra os povos nativos, resultando em diversas mortes. Após o enfraquecimento da Alemanha após a Primeira Guerra Mundial, o país foi invadido pela África do Sul, ocupando a Namíbia durante boa parte do século XX. A independência foi consideravelmente tardia, apenas em 1990, através de uma forte mobilização. Atualmente, o governo do país é constituído por uma república presidencialista.

Por possuir diversas influências de descendência, como tribos locais, além de povos europeus, como alemães e holandeses, a cultura namibiana é extremamente diversificada. O povo San, por exemplo, é descendente da Idade da Pedra que continuou com flechas e instrumentos de pedra até o século XIX. O povo Nama é pastoral e combativo. No período pré-colonial, travou batalhas intermitentes pelo controle das regiões pastorais no centro da Namíbia. Mais tarde, eles também lutaram contra o domínio alemão. O povo Ovambo também participou na luta pela independência, desta vez na África do Sul. O povo Herero é o mais notável na Namíbia em termos de aparência. As mulheres usam vestidos longos com decote alto e mangas bufantes. Adaptados da moda europeia do período vitoriano, são usados com boné com pontas em ambos os lados, lembrando chifres de boi (FOTOGRAFIA 1).

FOTOGRAFIA 1 - MULHERES DO POVO HERERO



FONTE: ERA VITORIANA

Em termos mais gerais, é fundamental mencionar que alguns costumes antigos, principalmente os das tribos nativas, permanecem, como a prática da caça e da pesca. Na culinária, além do que se obtém por esses meios, são consumidos grãos diversos. A música destaca-se pelos gêneros African House e Afro Pop e os esportes são variados, sendo os mais comuns o futebol, o rugby e o críquete.

A literatura namibiana é rica e geralmente tenta citar e enaltecer suas raízes, além de criticar constantemente os padrões sociais impostos, apesar de ser pouco conhecida e citada. Entre os exemplos, está o escritor e analista político namibiano Joseph Diescho, que escreveu o primeiro romance namibiano, “Born of the Sun” (Nascido do Sol) (1983). A obra acompanha a história de Muronga, um jovem que nasceu numa aldeia da Namíbia onde o seu único contato com o mundo exterior vem de missionários católicos alemães locais. Assim, ele se encontra no impasse entre aceitar sua submissão ou lutar para libertar seu país. A principal obra da namibiana, entretanto, é “The Purple Violet of Oshaantu” (A Violeta Roxa de Oshaantu) (2001), de Neshani Andreas. A história se passa na pequena vila de Oshaantu e trata, além da cultura africana, dos obstáculos das mulheres em uma sociedade patriarcal e como é indispensável que as mulheres se unam e lutem pelos seus direitos.

Não há muito disponível sobre a história da Namíbia pois pouco se discute, tanto em materiais escritos como em plataformas on-line. Há muitas generalizações, posto que é considerado apenas mais um país do continente africano, sem mencionar as suas características e individualidades como país independente, com história política e cultura e literatura próprias.

4. ANÁLISE DO CONTO

O conto “The Homecoming” (O Regresso à Casa) segue seu título. A protagonista, uma mulher namibiana, retorna à sua vila após muitos anos distante. Ainda no ônibus, apresenta-se Maria, filha da protagonista, que carrega suas malas

para fora. Após isso, a mulher descreve, além do cenário, as sensações em voltar à sua casa.

O cheiro bem-vindo de carne super exposta ao Sol encheu minhas narinas. Eu podia até ouvir o zumbido das moscas de cor verde-metálico enquanto elas circulavam e pousavam na carne pendurada nos galhos das árvores e nas barracas improvisadas. [...] O ar estava preenchido de expectativa.

A seguir, a protagonista segue com sua filha em direção à vila. Neste momento, pode-se notar o pouco relacionamento entre as duas devido à distância. Apesar de beijar sua mãe e carregar suas malas, Maria permanece distante, e nada é conversado durante o caminho, deixando a protagonista à sós com seus pensamentos. A mulher se questiona de suas expectativas, afinal, foram cerca de 40 anos trabalhando distante de sua terra e, conseqüentemente, de sua família, além disso, manifesta algumas de suas experiências e diferenças culturais.

Então foi isso. Minha volta para casa. O que eu esperava? A aldeia sairia em comemoração a uma filha há muito tempo perdida que havia voltado para casa? Há quanto tempo foi? 40 anos? [...] Como poderia esperar que eu tivesse noção de tempo, quando só poderia medi-lo em relação a mim mesma, numa terra estrangeira? Quando plantei sementes mas nunca tive a oportunidade de vê-las crescer, tive filhos mas nunca os vi crescer... quando tive que me fazer entender numa língua estrangeira... tive que aprender como funciona uma chaleira elétrica, como e quando apagar o fogão, que as portas não sejam abertas à estranhos e que não deve-se cumprimentar com um aperto de mão todas as pessoas.

A protagonista, desta vez, descreve a paisagem. É uma longa e empoeirada estrada. Sem árvores e sem grama, apenas um extenso chão marrom-alaranjado. Pensa em como uma bela fotografia aquela paisagem daria. Novamente, cita uma de suas experiências fora de sua vila.

Em um dezembro, vi uma foto grande de uma paisagem como essa. Lembro-me de estar ali, olhando para ele e por um momento desejando sentir o cheiro dos campos. Mas eu estava com minha dona de casa e sua família, pois ela precisava de descanso. Era uma época de férias, de família, mas eu estava sem a minha família, assim como não estava no resto do ano e na maior parte da minha vida adulta.

Em determinado momento, sua filha Maria interrompe a caminhada com a sugestão de um descanso. A mulher se espanta com a bondade demonstrada por sua filha e mais uma vez, compara com seu tratamento quando trabalhava no

estrangeiro. “Alguém estava realmente me perguntando se eu conseguiria acompanhar. Não mandando eu andar mais rápido, não permitir homens no quarto, levantar mais cedo, prestar mais atenção, dar banho no cachorro... [...]” (Jafta, 2002, p. 261). Por fim, sua filha diz que está feliz em ter sua mãe em casa e que todos estão a esperando. A protagonista se emociona.

Nunca me senti mais contente, mais em paz. Olhei para aquele estranho e vi minha filha. Então eu soube que tinha voltado para casa. Eu importava. Eu estava junto com o fruto do meu ventre. Eu tinha cultivado frutas. Olhei para meu corpo devastado e maltratado e pensei na terra de onde brotavam flores tão lindas. [...] Eu estava com pressa para chegar em casa.

Percebe-se os frutos deixados pela colonização quando a protagonista cita suas experiências em seu trabalho durante o conto. Além de ter que deixar seu país e sua família e se adequar a novos costumes e a uma nova língua, a mulher demonstra que não foi uma boa vivência. Sua patroa agia de forma impositiva, sem qualquer cuidado com sua história de vida e sem respeitar seus limites, por exemplo. Ademais, se priorizava e não aparentava enxergar sua empregada com humanidade. O tratamento recebido, por questões estruturais, se assemelha ao tratamento colonizador, autoritário e imperativo. Essa dominação não se dissipou após o período colonial, pelo contrário, grudou-se na estrutura social e foi normalizada, principalmente na relação empregador-empregado, e, mais ainda, na situação de trabalho doméstico.

Entretanto, entende-se a necessidade da protagonista de deixar sua vila. Por busca de trabalho e, desse modo, por melhores condições de vida, é comum que países com menor índice econômico, como é o caso da Namíbia, sejam os países em que mais ocorrem emigrações. Não por coincidência, esses países são os que mais ocorreram crises por conta de colonizações abruptas, arcando com essas consequências até os dias de hoje. Como apontam Nodari e Stefani (2002, p. 87 e 88),

A deslocação não é uma experiência única; é um problema bastante multifacetado que deixa cicatrizes, tanto na terra como nos indivíduos, como é o caso da mulher traumatizada de 57 anos que não viu os filhos crescerem. [...] Sua confusão e atitude oprimida ressoam com os de outros

que foram arrancados de suas terras, de seus meios, de seus costumes para servir aos propósitos de outras pessoas em outro lugar.

Finalmente, nota-se que o sentimento de importância já havia desaparecido da protagonista, assim como seu sentimento de pertencimento. Porém, no final da narrativa, percebe-se como o apoio de sua família, suas raízes, é necessário e indispensável para superação (NODARI e STEFANI, 2022, p.86). Assim,

A narradora em primeira pessoa inevitavelmente compartilha seu sentimento de culpa e desesperança, conforme o tempo passa e as coisas mudam: características, corpos, comportamentos. [...] A inferência aqui é que esses simples atos de bondade estavam faltando na sua vida de possível exploração laboral (e humana) na Namíbia e possivelmente em outro lugar.

5. CONCLUSÃO

O processo de colonização foi seguido pelo fenômeno do pós-colonialismo, que reflete sobre suas consequências até os dias atuais. Essas marcas persistem em culturas, como evidenciado na literatura africana, que busca afirmar sua identidade e considerar, de forma crítica, sua história de dominação. No conto "The Homecoming", de Milly Jafta, acompanhamos uma mulher retornando à sua aldeia após décadas de separação, revelando os impactos do distanciamento das raízes e como isso se relaciona com a colonização. Este trabalho analisou tais aspectos, reunindo diversos fatores, com o objetivo de compreender os efeitos duradouros da colonização na história mencionada.

A discussão sobre identidade pós-colonial, abordada por pensadores como Hall e Bhabha, ressalta a complexidade da formação identitária em contextos de colonização. Enquanto Hall destaca a fragmentação da identidade, Bhabha enfatiza sua produção como representação do sujeito, destacando a importância de reconhecer tradições culturais subordinadas. A literatura africana, então, surge como uma ferramenta crucial de expressão e resistência.

Chinua Achebe, renomado escritor nigeriano, é uma figura incontornável na literatura africana pós-colonial, cuja obras examinam os impactos da colonização e ressaltam a autenticidade cultural e os desafios enfrentados pelos povos

colonizados. Em contraste, Edward Said fornece uma análise crítica do colonialismo ocidental e suas representações do Oriente, desafiando a visão eurocêntrica e questionando as narrativas que justificaram a colonização.

A Namíbia exibe uma diversidade étnica significativa e sua história é marcada pela colonização europeia, especialmente a dominação alemã que resultou em atos de violência contra os povos nativos, culminando na ocupação pela África do Sul até a independência em 1990, por exemplo. A cultura namibiana reflete essa diversidade, com influências variadas, incluindo tribos locais e europeias, como alemães e holandeses, enquanto a literatura namibiana, embora pouco conhecida, busca enaltecer suas raízes e criticar padrões sociais impostos. Todavia, a história da Namíbia é muitas vezes sub-representada e generalizada, carecendo de um reconhecimento mais amplo de sua individualidade.

O conto "The Homecoming" acompanha a jornada emocional da protagonista, uma mulher namibiana, ao retornar à sua vila após décadas distante. Ao descrever a paisagem e as sensações de sua volta, ela reflete sobre as experiências passadas, especialmente em seu trabalho no exterior, onde enfrentou um tratamento autoritário e desumano. Essas experiências demonstram as estruturas coloniais de dominação e exploração que persistem na estrutura social contemporânea. A narrativa revela também a complexidade da emigração forçada e a busca por melhores condições de vida, comuns em países marcados por cicatrizes históricas da colonização. Por fim, a protagonista encontra conforto e significado em sua família e suas raízes, ressaltando a importância do apoio familiar na superação das adversidades e na busca por identidade e pertencimento.

O conto sugere que a colonização não é apenas um evento histórico distante, mas um legado contínuo que molda as realidades atuais, perpetuando desigualdades sociais e estruturas de poder desiguais. Assim, "The Homecoming" não apenas narra a jornada pessoal da protagonista, mas também oferece uma poderosa reflexão sobre as relações entre passado e presente, colonialismo e identidade, e as lutas constantes por autonomia e reconexão em um mundo pós-colonial.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BHABHA, Homi K. **O Local da Cultura**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

BOOKER, M. Keith. **The Chinua Achebe Encyclopedia**. Westport, Conn.: Greenwood Press, 2003.

Born of the Sun: A Namibian Novel. **Amazon**. Disponível em:
<https://www.amazon.com/Born-Sun-Namibian-Joseph-Diescho/dp/0377001880>.
Acesso em: 2 de fevereiro de 2024.

CAMPOS, Mateus. Namíbia: dados gerais, história, mapa, governo. **Mundo Educação**. Disponível em:
<https://mundoeducacao.uol.com.br/geografia/namibia.htm>. Acesso em: 2 de fevereiro de 2024.

Cultura Namibiana - Informações Gerais. **Rhino Africa**. Disponível em:
<https://www.rhinoafrica.com/pt/destinos/namibia/fatos-e-informacoes/cultura-namibia-na/77461>. Acesso em: 2 de fevereiro de 2024.

CURTHOYS, N.; GANGULY, D. **Edward Said: The Legacy of a Public Intellectual**. Melbourne: Melbourne University Press, 2007.

FARIA, Caroline. Imigração e Emigração. **Info Escola**. Disponível em:
<https://www.infoescola.com/geografia/imigracao-e-emigracao/>. Acesso em: 2 de fevereiro de 2024.

HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na Pós-Modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2005. LUCAS, Glaura.

Herero: A tribo africana cujas mulheres usam roupas vitorianas. **Era Vitoriana**, 30 de setembro de 2015. Disponível em:

<https://eravitoriana.wordpress.com/2015/09/30/herero-a-tribo-africana-cujas-mulheres-usam-roupas-vitorianas/>. Acesso em: 2 de fevereiro de 2024.

JAFTA, Milly. The Homecoming. **The Anchor Book of Modern African Stories**. OBRADOVIC, Nadezda (Ed.). New York: Anchor Books, 2002, p. 259-261.

NODARI, Janice; STEFANI, Mônica. THE INVERTED PYRAMID AND ITS (READING) SPACE/PLACE: A COMPARATIVE STUDY OF “LEAVING LAMU” BY LILY MABURA (KENYA), “THE HOMECOMING” BY MILLY JAFATA (NAMIBIA) AND “PORCELAIN” BY HENRIETTA ROSE-INNES (SOUTH AFRICA). **Ilha do Desterro**, Florianópolis, v. 76, n. 1, p. 77-90, mar./2023. Disponível em: <https://doi.org/10.5007/2175-8026.2023.e88282>. Acesso em: 2 de fevereiro de 2024.

QUAYSON, Ato. What is postcolonial literature? **The British Academy**, 2 de janeiro de 2020. Disponível em: <https://www.thebritishacademy.ac.uk/blog/what-is-postcolonial-literature/>. Acesso em 2 de fevereiro de 2024.

The Purple Violet of Oshaantu. **Amazon**. Disponível em: <https://www.amazon.com/Purple-Violet-Oshaantu-African-Writers/dp/0435912089>. Acesso em: 2 de fevereiro de 2024.